

# A LUSTRAÇÃO NA ELEGIA DE TIBULO

JOHNNY JOSÉ MAFRA

## 1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo, venho desenvolvendo pesquisas sobre o tema da lustração na literatura latina. No momento, é-me dada a oportunidade de fixar alguns elementos em torno da elegia, particularmente da elegia de Tibulo.

Viveu esse poeta no século I antes de Cristo (54-19), na mesma época de Virgílio, Horácio e Ovídio, época em que ainda se praticavam os ritos purificatórios herdados da tradição secular dos latinos. Sei que não se trata de um poeta amplamente divulgado e conhecido em nosso meio intelectual, motivo por que julgo oportuno falar de sua obra.

Minha investigação limita-se, neste trabalho, ao tema da lustração na Elegia 1ª do Livro II, mas não custa acrescentar uma informação sobre a obra do poeta.

O *Corpus Tibullianum* compõe-se de quatro livros, com trinta e seis composições. Há muita polêmica quanto à autoria das elegias, tendendo alguns críticos a atribuir a outros poetas algu-

mas das últimas. Ocorre que Tibulo pertenceu ao círculo de Messala, general romano que reunia em torno de si um grupo de artistas, e isso parece explicar a semelhança temática das elegias e a atribuição de obra de outros autores a este poeta. Este fato parece de somenos, para a análise que me proponho fazer.

O que se sobressai em toda a obra é a temática mágico-amorosa, a qual o poeta nos transmite através dos mais belos versos.

Apresento aqui o texto da edição "Les Belles Lettres"<sup>1</sup> e uma tradução em verso livre, de minha autoria.

## LIVRO II

### I

Quisquis adest, faueat: fruges lustramos et agros,  
 ritus ut a prisco traditus exstat auo.  
 Bacche, ueni, dulcisque tuis e cornibus uua  
 pendeat, et spicis tempora cinge, Ceres.  
 Luce sacra requiescat humus, requiescat arator, 5  
 et graue suspenso uomere cesset opus.  
 Soluite uincla iugis: nunc ad praesepe debent  
 plena coronato stare boues capite.  
 Omnia sint operata deo; non audeat ulla  
 lanificam pensis imposuisse manum. 10  
 Vos quoque abesse procul iubeo, discedat ab aris,  
 cui tulit hesterni gaudia nocte Venus;  
 casta placent superis: pura cum ueste uenite  
 et manibus puris sumite fontis aquam.

1. MAX PONCHONT. *Tibulle et les auteurs du Corpus Tibullianum*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.

- Cernite, fulgentes ut eat sacer agnus ad aras . 15  
uinctaque post olea candida turba comas.  
Di patrii, purgamus agros, purgamus agrestes;  
uos mala de nostris pellite limitibus,  
neu seges eludat messem fallacibus herbis,  
neu timeat celeres tardior agna lupos. 20  
Tunc nitidus plenis confisus rusticus agris  
ingeret ardenti grandia ligna foco,  
turbaque uernarum, saturi bona signa coloni,  
ludet et ex uirgis exstruet ante casas.  
Euentura precor: uiden ut felicibus extis 25  
significet placidos nuntia fibra deos ?  
Nunc mihi fumosos ueteris proferte Falernos  
consulis et Chio soluite uincla cado.  
Vina diem celebrent: non festa luce madere  
est rubor, errantes et male ferre pedes. 30  
Sed "bene Messallam" sua quisque ad pocula dicat,  
nomen et absentis singula uerba sonent.  
Gentis Aquitanae celebrer Messalla triumphis  
et magna intonsis gloria uictor auis,  
huc ades aspiraue mihi, dum carmine nostro 35  
redditur agricolis gratia caelitibus.  
Rura cano rurisque deos: his uita magistris  
desueuit querna pellere glande famem;  
illi compositis primum docuere tigillis  
exiguam uiridi fronde operire domum; 40  
illi etiam tauros primi docuisse feruntur  
seruitium et plaustro supposuisse rotam.  
Tum uictus abiere feri, tum consita pomus,  
tum bibit inriguas fertilis hortus aquas,  
aurea tum pressos pedibus dedit uua liquores 45  
mixtaque securo est sobria lympa mero.  
Rura ferunt messes, calidi cum sideris aestu  
deponit flauas annua terra comas;  
rure leuis uerno flores apis ingerit alueo,  
compleat ut dulci sedula melle fauos. 50

Agricola adsiduo primum satiatus aratro  
 cantauit certo rustica uerba pede  
 et satur arenti primum est modulatus auena  
 carmen, ut ornatos diceret ante deos,  
 agricola et minio suffusus, Bacche, rubenti 55  
 primus inexperta duxit ab arte choros;  
 huic datus a pleno, memorabile munus, ouili  
 dux pecoris curtas auxerat hircus opes.  
 Rure puer uerno primum de flore coronam  
 fecit et antiquis imposuit Laribus, 60  
 rure etiam teneris curam exhibitura puellis  
 molle gerit tergo lucida uellus ouis:  
 hinc et femineus labor est, hinc pensa colusque,  
 fusus et adposito pollice uersat opus,  
 atque aliqua adsidue textrix operata mineruam 65  
 cantat, et appulso tela sonat latere.  
 Ipse quoque inter agros interque armenta Cupido  
 natus et indomitas dicitur inter equas;  
 illic indocto primum se exercuit arcu;  
 ei mihi, quam doctas nunc habet ille manus ! 70  
 Nec pecudes, uelut ante, petit: fixisse puellas  
 gestit et audaces perdomuisse uiros;  
 hic iuueni detraxit opes, hic dicere iussit  
 limen ad iratae uerba pudenda senem;  
 hoc duce custodes furtim transgressa iacentes 75  
 ad iuuenem tenebris sola puella uenit  
 et pedibus praetemptat iter suspensa timore,  
 explorat caecas cui manus ante uias.  
 A miseri, quos hic grauiter deus urget ! at ille  
 felix, cui placidus leniter adflat Amor. 80  
 Sancte, ueni dapibus festis, sed pone sagittas  
 et procul ardentes hinc, precor, abde faces.  
 Vos celebrem cantate deum pecorique uocate  
 uoce; palam pecori, clam sibi quisque uocet,  
 aut etiam sibi quisque palam: nam turba iocosa 85  
 obstrepit et Phrygio tibia curua sono.

Ludite: iam Nox iungit equos, currumque sequuntur  
 matris lasciuo sidera fulua choro,  
 postque uenit tacitus furuis circumdatus alis  
 Somnus et incerto Somnia nigra pede. 90

### TRADUÇÃO

Todos em silêncio !  
 Purificamos os cereais e os campos  
 segundo o rito de nossos avós.  
 Vem, ó Baco !  
 a saborosa uva penda de teus chifres !  
 E tu, ó Ceres,  
 cinge de espigas a tua cabeça !  
 Repouse a terra, no dia sagrado,  
 repouse o lavrador,  
 cesse o duro trabalho, com o arado suspenso.  
 Soltem-se as trelas aos bois:  
 hoje estejam todos junto dos cochos cheios,  
 de cabeça coroada.  
 Tudo esteja ao serviço da divindade.  
 Mulher alguma ponha as mãos na lâ que tem de fiar.  
 E vós, afastai-vos para longe, eu vos ordeno.  
 Afaste-se dos altares  
 aquele a quem Vênus, na última noite, levou o prazer:  
 a castidade agrada aos deuses.  
 Vinde com veste pura  
 e purificai as mãos na água da fonte.  
 Vede! o cordeiro sagrado caminha para os altares  
 [fulgentes,  
 e, atrás, a multidão, vestida de branco  
 e coroada de ramos de oliveira.

O deuses de nossos pais, purificamos  
 nossos campos, purificamos nossos cam-  
 poneses ! Afastai de nossas terras o mal  
 e que nosso solo não engane as colheitas

com ervas daninhas, nem a ovelha, mais  
lenta, tema os lobos velozes.

Então o camponês, elegante,  
confiado nas abundantes colheitas,  
ao fogo ardente lançará a lenha, em grandes toras,  
e a turba dos escravos,  
sinal feliz de colono abastado,  
ante o fogo dançará  
e, de ramos flexíveis, construirá suas cabanas.

Sejam os meus votos satisfeitos, eu suplico !

Vedes ? nas vísceras propícias,  
a fibra, como intérprete,  
anuncia serem os deuses favoráveis.  
Trazei agora diante de mim  
um Falerno enfumaçado, com a marca de um cônsul  
[antigo,

e abri um cado de Quio.  
Vinho, para celebrar este dia !  
Em dia de festa,  
não é vergonhoso embriagar-se  
e andar com passo vacilante.  
Mas cada um diga, erguendo o copo,  
"viva Messala" !  
e as conversas repitam o nome do ausente.  
Célebre por teus triunfos sobre o povo aquitano  
e gloriosamente vitorioso sobre os intonsos avós,  
vem, ó Messala, inspirar-me,  
enquanto eu, cantando,  
rendo graças às divindades rústicas.  
Canto os campos e os deuses do campo:  
Sendo estes os mestres,  
a vida não mais matou a fome com a fruta do  
[carvalho.

Eles, primeiro, ensinaram a fazer as estruturas  
e cobrir uma pequena casa com o ramo verde.  
Diz-se também  
que foram os primeiros a ensinar os bois  
e que adaptaram a roda ao carro.  
Desapareceram, então, os alimentos selvagens;  
a árvore frutífera foi plantada;  
então o jardim fértil bebeu a água que refresca,  
a uva madura, amassada com os pés, deu o suco  
e a água, sóbria, foi misturada ao vinho puro.  
Os campos produzem as colheitas,  
quando, ao forte calor do sol,  
a terra, cada ano, depõe sua loura cabeleira.  
No campo, na primavera,  
a leve abelha ajunta, na colmeia, o suco das flores,  
zelosa em encher do doce mel os favos.  
O lavrador foi o primeiro que,  
cansado de empurrar o arado continuamente,  
cantou, num ritmo constante, palavras rústicas,  
e, estando saciado, modulou, numa flauta,  
uma melodia,  
para que fosse tocada diante dos deuses coroados de  
[flores;  
foi também o primeiro o lavrador, ó Baco,  
que, com o rosto pintado de vermelho,  
desenvolveu os coros a partir dessa arte primitiva.  
Um bode, cabeça do rebanho, (presente memorável),  
tirado de um estábulo cheio e oferecido a Baco  
aumentaria as pequenas colheitas.  
Foi no campo que, primeiro,  
uma criança fez uma coroa de flores primaveris  
e cingiu os antigos deuses Lares;  
é no campo ainda que, para ocupar as moças,  
a branca ovelha dá a macia lã:  
eis a origem do trabalho feminino,  
da lã para fiar,  
da roca e do fuso,

que, sob o dedo polegar faz girar o novelo,  
 enquanto uma tecedeira,  
 aplicada com atenção ao trabalho,  
 celebra a deusa Minerva,  
 e a tela soa, tocados os bordos.  
 Cupido mesmo, diz-se, nasceu nos campos,  
 entre os rebanhos e as indomáveis éguas;  
 aí se exercitou no arco inábil;  
 agora — ai de mim! — como são hábeis as suas mãos!  
 Não procura, como antes, animais:  
 quer ferir donzelas e abater homens audaciosos;  
 este, do jovem, tomou as riquezas,  
 ao velho, mandou dizer, junto da porta da mulher  
 [irada,

palavras de que deveria envergonhar-se;  
 sob sua guia,  
 passando furtivamente pelos guardiães deitados,  
 a amada vem sozinha, nas trevas, para o jovem;  
 e com os pés, tateando, procura o caminho,  
 palpitante de medo,  
 e, as mãos adiante, explora os caminhos escuros.  
 Ah! infeliz daquele a quem este deus ameaça

[violentamente!

Feliz, porém, daquele para o qual, plácido,  
 o Amor sopra suavemente.

Venerável Cupido,  
 vem a este banquete festivo,  
 mas depõe as tuas flechas  
 e esconde longe daqui, eu te suplico,  
 as tuas tochas ardentes.

Vós, cantai este deus célebre  
 e pedi em voz alta por vosso rebanho;  
 publicamente invocai por vosso rebanho,  
 secretamente cada um invoque por si mesmo,  
 ou também cada um por si publicamente:  
 a multidão alegre e a flauta curva de som frígio  
 impedem de escutar.



Diverti-vos:

a. Noite atrela os cavalos,  
e os astros fulvos, com seu coro lascivo,  
seguem o carro de sua mãe;  
depois, sem barulho,  
envolvido em suas asas sombrias,  
vem o Sono, com Sonhos tenebrosos,  
e o passo vacilante.

## 2. UM ESTUDO DA ESTRUTURA

O segundo livro das elegias de Tibulo inicia-se com uma peça de natureza campestre, na qual se insere o motivo elegíaco do amor. Serve, naturalmente, para marcar a unidade da obra. O poeta abre o livro primeiro com uma elegia em que, juntamente com o tema amoroso, celebra a felicidade da vida simples no campo. Agora, celebra a vida do campo, dando a impressão de que está nela definitivamente inserido. Diríamos que esta peça pertence a um período de resfriamento, na vida do poeta. O primeiro livro canta sua atormentada vida amorosa e as inúmeras traições que lhe fez a sua Délia. Após tudo isso, com o coração provavelmente livre da paixão, encontrou no campo o esquecimento e a paz.

O prazer do poeta é estar no meio dos camponeses, como pequeno sitiante que encontra sua realização nesta existência sem complicações e como ministro do culto doméstico, escrupulosamente ligado às formas consagradas e aos ritos transmitidos pelos antepassados.

Nesta peça vemos a grande preocupação do poeta em participar da obra de regeneração patriótica e moral empreendida por Augusto. Ao mesmo tempo que celebra os campos e seus deuses, dando a seus gestos rústicos e simples uma forma artística e grave, faz que o romano volte à terra e a suas tradições. Tibulo, neste poema, une-se ao ideal nacional, celebrado por Virgílio e Horácio.

O tema desta elegia é a *lustratio* (lustração ou purificação), cerimônia que tinha por finalidade purificar as terras, os rebanhos e os camponeses. A cerimônia da purificação consistia em procissões através dos campos, acompanhadas de cantos e preces, para afastar as impurezas e más influências, e tudo colocar sob a proteção dos deuses. Nestes sacrifícios, os camponeses ofereciam aos deuses do campo um porco, um cordeiro e um novilho, ou uma das três vítimas. Antes de levar sua vítima ao altar e imolá-la, o agricultor dava com ela três voltas ao redor da propriedade, em procissão. A oferta do camponês era feita de acordo com suas posses. Tibulo ofereceu um cordeiro, oferta humilde de um pequeno agricultor.

Encontramos neste poema dois elementos principais:

a) A evocação da *lustratio* ou cerimônia de purificação, que oferece ao poeta a oportunidade de fazer o elogio do campo e dos deuses campestres;

b) O tema elegíaco do Amor.

Temos inicialmente a cerimônia da purificação, desenvolvida lentamente em suas fases sucessivas. Na verdade, aqui vemos mais o poeta do que o doutrinador, isto é, há mais lirismo do que descrições didaticamente organizadas.

O poeta anuncia a *lustratio* e os preparativos da festa: convite ao silêncio, invocação a Baco e a Ceres, prescrição do repouso e afastamento de todo aquele que não esteja puro e preparado para participar da cerimônia sagrada. Os que procuram o sacrifício devem ser castos de corpo e espírito (*casta placent superis*).

Do verso 15 ao verso 26, acompanhamos a celebração do sacrifício, com a procissão formada de *uma multidão vestida de branco e coroadada de ramos de oliveira*. Seguem-se a imolação da vítima e as preces aos deuses, invocados todos juntamente pela expressão *di patrii*.

Logo após o sacrifício, todos vão ao banquete e entregam-se aos jogos e diversões. O banquete tem lugar no momento em que todos fazem as libações e bebem o vinho. O poeta chama a atenção para o bom vinho e para a justa embriaguez em dia de festa. Finalmente, antes de iniciar o hino à natureza, Tibulo ergue um brinde a seu amigo Messala (v.27-36).

No momento em que celebra a purificação dos campos, no momento solene do banquete e lembrando as tradições romanas, o poeta canta um hino em honra dos campos e de suas divindades (v.37-80). Este hino encerra três estrofes bem distintas:

1) Na primeira, o poeta declara que, graças às divindades rústicas, foi no campo que o homem encontrou os primeiros progressos para sua vida material (v.37-50);

2) na segunda estrofe, testemunhamos, também no campo, o nascimento das artes, da música e da dança, da poesia em honra dos deuses e dos coros trágicos; vemos surgir a arte de fiar e de tecer, ao som da música (v.51-66);

3) finalmente, a terceira estrofe apresenta o tema do nascimento do Amor. Este, no campo, sempre exerceu sua ação contra os animais, antes de se voltar contra as mulheres e os homens, e tornou-se o deus soberano, tão ardoroso em perseguir suas vítimas como em ajudar os seus favoritos (v.67-80).

Em resumo, neste hino à natureza, Tibulo apresenta as três idéias: a subsistência, as artes e o amor. Em outras palavras, toda a vida com seus princípios fundamentais.

Depois de celebrar o nascimento do Amor no campo, o poeta convida-o a estar presente nestas comemorações. Invoca-o com uma condição: que ele deixe as suas setas e suas tochas. Recomenda que cada pessoa presente invoque o deus silenciosamente. Nada impede, entretanto, que quem quiser invoque em voz alta, porque o barulho das festas não deixará que outros ouçam. A peça termina no auge da festa, com um convite à diversão, antes que a noite chegue.

Esta elegia nada mais é, em seu conjunto, do que uma evocação da força geradora da natureza. Num crescente, do começo para o fim, assistimos à explosão da vida, até a participação total do banquete e dos jogos festivos. Surge a vida e se desenvolve até o máximo. Chega o momento em que deve ceder o lugar às sombras que simbolizam o fim de todas as coisas. O ciclo vital está aqui representado pelo dia, que permite o surgimento, a execução e o descanso de todas as atividades. A natureza gera todas as coisas, dá-lhes plenitude e, enfim, recebe-as de novo em seu seio, e assim eternamente.

No campo surgiram os alimentos, surgiram as artes, as indústrias, o trabalho. No campo surgiu o Amor. Mas também no campo, como produto dessa mesma natureza, surgiu a intranqüilidade, surgiu a guerra, surgiu a discórdia. Não é em vão que o poeta, nos versos 11-14, impede a participação daqueles que não estiverem convenientemente preparados para a celebração sagrada. Assim como temos a luta dos elementos, para sua sobrevivência, temos também a luta do bem contra o mal. O bem, representado pelos puros, participará do banquete da natureza (*casta placent superis*), enquanto o mal, personificado naqueles que se entregaram aos prazeres carnavais, será punido com o afastamento do altar sagrado.

No campo surgiu o amor e igualmente surgiu a discórdia. Na luta dos elementos, vence o Amor, e o poeta invoca sua presença nesta

purificação dos campos, mas que deixe para trás as flechas, geradoras da discórdia:

“..... sed pone sagittas  
et procul ardentes hinc, precor, abde faces”.

### 3. RITOS E FÓRMULAS DA LUSTRAÇÃO

O poeta assume a personalidade do pontífice no exercício da função sagrada, e executa os ritos ou gestos iniciais de conclamação do povo e anúncio do início do sacrifício:

“Quisquis adest, faueat: fruges lustramos et agros”  
(Calem-se todos: celebramos a purificação dos cereais e dos campos).

Acompanhemos os movimentos da cerimônia: invocação de Baco e Ceres, suspensão de todos os trabalhos e ornamentação da natureza para a festa: os bois descansem de cabeça coroada — *ornato capite*.

Sai a procissão. A multidão vestida de branco e coroada de ramos de oliveira acompanha o cordeiro que será imolado. O cortejo percorre os campos e aproxima-se dos altares. Prepara-se a fogueira e o camponês, vestido para um dia de festa, executa respeitosamente o rito, lançando nela grandes pedaços de lenha. Imola-se a vítima e a vontade dos deuses é manifestada através das vísceras propícias (*felicibus extis*). O vinho completa o ritual — *Vina diem celebrent*.

Em meio a essa profusão de movimentos, ouve-se a voz do sacerdote, que profere as fórmulas sagradas. Inicialmente o nuncio dos festejos:

“..... fruges lustramus et agros”.

Em seguida, a invocação a Baco e a Ceres:

“Bacche, ueni.....”

“..... et spicis tempora cinge, Ceres”.

Chega a hora da oração principal, que o sacerdote entoava solenemente:

“Di patrii, purgamus agros, purgamus agrestes;  
uos mala de nostris pellite limitibus,  
neu seges eludat messem fallacibus herbis,  
neu timeat celeres tardior agna lupos”. (17-20)

(Oh! deuses de nossos pais, purificamos nossos campos, purificamos nossos camponeses; vós, afastai de nossas terras o mal e que nosso solo não engane as colheitas com ervas daninhas, nem a ovelha, mais lenta, tema os lobos velozes).

Esta fórmula tem um fecho semelhante ao das orações do ritual cristão:

“Euentura precor .....” (v. 25)

(Suplico que os meus votos sejam satisfeitos).

Apesar de o poeta apresentar aqui uma forma estilizada das preces do prontuário religioso, apesar de termos aqui uma forma lite-

rária dessas orações, ela serve para mostrar-nos a tradição dos antigos romanos.

Outros autores foram mais fiéis, mas não mais felizes do que Tibulo, na transmissão da fórmula sagrada. Catão, em *De Re rustica*, 141, indica os termos precisos com que o camponês se dirigia aos deuses.<sup>2</sup> Mas Catão não alcançou a beleza poética do nosso autor. Enquanto Catão apenas registra um fato e uma fórmula, Tibulo pratica o mais puro lirismo religioso, que esteve presente em todos os tempos de Roma.

Além dessa fórmula própria da cerimônia da purificação, o poeta entoa, no mais belo lirismo, um hino à natureza e o encerra, como no ritual tradicional, com uma invocação ao deus, então ao deus Cupido:

“Sancte, veni dapibus festis, sed pone sagittas  
et procul ardentis hinc, precor, abde faces”.

(Venerável Cupido, vem a este banquete festivo, mas depõe as tuas flechas e esconde longe daqui, eu te suplico, as tuas tochas ardentes).

---

2. Agrum lustrare sic oportet. Impera suovitaurlia circumagi. (...) Janum, Jovemque vino praefamino, (sic dicito:) Mars pater te precor, quaesoque uti sies volens propitius mihi, domo, familiaeque nostrae, (...). — Assim debes purificar o campo: faze circular em torno do campo as souvetaurlias. (...) Antes de tudo, com vinho, oferece um sacrifício a Jano e a Júpiter, e diz: Ó Marte, nosso pai, eu te suplico que sejas propício a mim, à minha casa e à minha família (...). CATO. *De Re Rustica*, 141, apud M. Nisard, *Collection des Auteurs latins — Les Agronomes Latins*. Paris, Chez Firmin Didot Frères, Fils et Cie., Libraires, 1864. P. 38-39.



## 4. OS RITOS TRADICIONAIS

No estudo das práticas rituais que acompanham o homem, da antiguidade até nossos dias, a lustração chama-nos especialmente a atenção. Na relação homem/divindade, temos sempre a superioridade dos deuses em oposição à inferioridade e maldade do homem. A este juntamos as coisas, que podem ser boas ou más. A purificação destinava-se a tornar a natureza propícia aos deuses, limpando-a de seus males, ou a proteger os seres contra as maldades externas. Lustração era a purificação sacramental e simbólica, que se efetuava na Grécia e em Roma por meios materiais (*água, fogo, ar*), para limpar as manchas morais e imateriais. Na lustração ou purificação se encontra a razão de muitas práticas rituais que figuram nos antigos cultos gregos e romanos, e que costumam ser confundidos na idéia abstrata de expiação.<sup>3</sup>

Os gregos expressavam esta idéia de purificação, mais ou menos unida à de expiação, por uma série de termos que dão origem a constantes confusões.

Em grego, *purificar* é, em sentido lato, *kathairein* e daí *kátharsis*, purificação; *katharmós* significa o meio de purificação; *kátharma* é o ser carregado de mancha ou contaminação, e, portanto, coisa impura.

---

3. F. de COULANCES. *A Cidade Antiga*. 10ª edição. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1971. P.196-199.

Em latim, *piare* significa 'purificar, expiar, tornar propício, honrar através de um rito' (DEL — Ernout).<sup>4</sup> Daí, o adjetivo *pius*, que quer dizer 'puro, justo, santo, que cumpre os deveres para com os deuses, e *impius*, 'impuro, sacrílego, criminoso'. *Piaculum*, inicialmente, é 'sacrifício purificador ou propiciatório'; depois, 'vítima oferecida em sacrifício'; e também 'crime ou falta que exige um sacrifício purificador' (DEL — Ernout), mancha de condição moral, pecado voluntário ou involuntário (*piaculum comisum*). Há que notar, entretanto, que o sentido primitivo de 'purificação' simbólica, contido também em *piatio*, *expiatio*, de formação posterior e que significa expiação propriamente dita, ficou em segundo plano.

A purificação podia ou devia ser administrada por outra pessoa e não pelo próprio peccador. Esta idéa está contida na palavra *lustrare* e seus derivados *lustratio*, *lustrum*, *lustramen*, *lustramentum*, com os adjetivos *lustralis*, *lustricus*, *lustrificus*, sendo todas estas palavras sinônimas das arcaicas *februare*, *februatio*, *februa*, (equivalentes a *purgare*, *purgatio*, *purgamentum*, *purgamen*),<sup>5</sup> conservando a idéa original da raiz *lu-o*, 'lavar, limpar, purificar'. Mas como a purificação sacramental administrada

---

4. A. ERNOUT et A. MEILLET. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine — Histoire des Mots*. 4.<sup>e</sup> édition. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1959.

5. ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Tomo XXXI.

por pessoa alheia se efetuava com essa pessoa passando ao redor do indivíduo ou do objeto que se queria purificar, os termos *lustrare* e *lustratio* vieram a expressar a idéia de movimento, de caminhada, unida à de purificação. Davam também a sensação de procissão ou pompa ritual, em que se faziam aspersões, fumigações e bênçãos purificadoras.

Este conjunto é o tipo completo da *lustração*, tal como se encontra em muitos ritos antigos.

Em Jacques Éllul<sup>6</sup> lemos que as atividades dos Censores deveriam efetuar-se dentro do período de cinco anos e seu ministério terminava com um grande sacrifício, *suovetaurilia*, que era o sacrifício de purificação das impurezas que a comunidade acumulara durante os cinco anos passados. Os atos do recenseamento tornavam-se puros e intocáveis, após o *Lustrum*.

De E. Saglio,<sup>7</sup> temos a seguinte informação sobre as *suovetaurilia*: "Sacrifice où les trois pièce principales du *pecus*, porc (*sus*), bétail (*ovis*), *taureau* (*taurus*) étaient réunies comme victimes. Les Romains l'offraient à Mars, le dieu protecteur de leurs champs et de leurs armes, dans toutes les circonstances où la lustration était jugée nécessaire pour la purifica-

---

6. J. ÉLLUL. *Histoire des Institutions de l'Antiquité*. Paris, Presses Universitaires de France, 1961. P. 299.

7. M. C. DAREMBERG et D. SAGLIO. *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris, Librairie Hachette et Cie., 1887.

tion et la préservation des terres du *pagus*, de la cité, de l'armée. Les animaux avant d'être immolés étaient promenés (*pompa*) trois fois autour de ce qui devait être purifié”.

O ritual apresentado por Tibulo na peça em estudo identifica-se, segundo alguns, com a festa das *Ambarvalia*.<sup>8</sup> Assim penso também, uma vez que as *Ambarvalia* eram celebradas pelo tríplice sacrifício de uma porca, uma ovelha, e um touro (*suovetaurilia*), que se realizava depois que essas vítimas davam uma volta ao redor das plantações.

## 5. ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LUSTRAÇÃO

Entre os elementos simbólicos usados na lustração figuram a *água*, que lava as manchas, e o *fogo*, que as destrói. A ação material da água converte-se em ação mística que pode aumentar com a virtude especial de certas fontes. Tal valor encontra-se também com o emprego da água do mar, ou, em sua falta, com o acréscimo de sal à água doce, ou com a imersão, na água, de tochas acesas no altar.

Tibulo recomenda que os participantes do ritual purifiquem as mãos na água da fonte:

“et manibus puris sumite fontis aquam” (v. 14).

Por qualquer desses meios, obtinha-se a chamada água lustral (*kathársion q̄dor, aqua* *Mag*)

8. Cf. MAX PONCHONT, op. cit., nota 2, p. 82.

*lustralis*) destinada especialmente à ablução das mãos. Punha-se em vasilhas especiais, à entrada dos lugares sagrados ou de reuniões, provavelmente também nas palestras,<sup>9</sup> e na porta dos fiéis.

É oportuno lembrar que o ritual da Igreja Católica também utiliza a água lustral, então denominada *água benta*, com que se benzem ou se purificam os fiéis à entrada do templo.

A água lustral empregava-se também nas aspersões feitas com ramos de loureiro ou de oliveira, ou, em Roma, com um aspersório especial que formava parte das insígnias dos sacerdotes e figurava em moedas e baixos-relevos, simbolizando sobretudo as purificações em que intervinham as Vestais. Pela aspersão fazia-se a lustração do altar, das vítimas e dos participantes da cerimônia.

Ritual solene semelhante executa ainda hoje a Igreja, quando, nas Missas festivas, o sacerdote asperge com água benta todos os fiéis presentes, enquanto o coro canta, no modo gregoriano, em latim, o Salmo 50:

“Asperges me, Domine, hyssopo et mundabor.  
Lavabis me et super nivem dealbabor”.<sup>10</sup>

---

9. Palestra — ‘lugar onde se pratica a luta e em geral os exercícios do corpo; palestra, ginásio’. Cf. FÉLIX GAFFIOT. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris, Librairie Machette, 1934; JOSÉ PEDRO MACHADO. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Lisboa, Editorial Confluência Ltda., 1967

10. Salmo 50,9: Purificai-me com o hissopo e serei sempre limpo; lavai-me e ficarei mais alvo que a neve.

O ritual purificador em Roma utilizava ainda, além do fogo, outros elementos como o *leite* e o *enxofre*. Confirma isso a obra elegíaca de Tibulo. Lemos no verso 61 da elegia 2ª do livro I: *et me lustravit taedis...* — e me purificou com tochas. No verso 36 da mesma elegia está: *et placidam soleo spargere lacte Palem*. O emprego do enxofre está documentado neste verso: *ipseque te circum lustravi sulphure puro* — eu mesmo te purifiquei com enxofre puro, passando ao redor de ti.

## 6. CONCLUSÃO

Ao final destas reflexões, parece fora de dúvida que o texto de Tibulo nos oferece um manancial rico de lirismo e de informações. O poeta transmite-nos suas emoções e seu encantamento diante da vida. Uma vida simples e sem mistérios, mas uma vida cheia de amor, amor-magia.

Além disso, recolhemos inúmeras informações sobre a vida do campo e particularmente sobre a *lustração*. Conquanto revestidas do caráter subjetivo da poesia lírica, essas informações levam-nos a uma reflexão em torno desses temas e a uma busca às fontes históricas propriamente ditas.

É muito atual o tema da *lustração*. Aqui fica, como contribuição minha, a sugestão para que os estudiosos da atualidade vão às fontes antigas buscar a origem de muitos fatos aparentemente inexplicáveis.